


Uma análise dos marcadores dêiticos na construção de sentidos da crônica *A vaguidão específica*


Un análisis de los marcadores deícticos en la construcción de sentidos de la crónica *A vaguidão específica*

An analysis of deitic marks in the construction of meanings at the chronicle *A vaguidão específica*

Clara Nunes Correia¹

 0000-0001-5271-9584

Bruna Bandeira²

 0000-0002-2915-4527

RESUMO: Este artigo se propõe a analisar o uso de marcadores dêiticos na crônica *A vaguidão específica*, de Millôr Fernandes, a fim de compreender como esses mecanismos linguísticos funcionam e de que forma contribuem para a construção de diferentes sentidos presentes no texto. Para verificar como a dêixis contribui com o efeito de humor construído nessa narrativa de ficção, recorre-se às contribuições de Levinson (2006) sobre dêixis e de Fonseca ([1989] 1992, 1994) sobre dêixis e transposição fictiva. A noção de pré-construído na perspectiva da semântica enunciativa (Campos; Xavier, 1991; Correia; Pereira, 2015a; Culioli, 1990;) mostrou-se outra ferramenta conceitual importante para essa discussão. Através de uma metodologia qualitativa, realçam-se marcadores dêiticos e expressões que potencialmente remetem a pré-construídos para investigar seu funcionamento e discutir os possíveis sentidos que veiculam. Os resultados apontam que o efeito de humor advém do bloqueio de acesso imposto ao leitor/ouvinte às coordenadas referenciais partilhadas pelas personagens da crônica, coenunciadoras que usam dos mecanismos linguísticos em análise para se fazerem compreender.

PALAVRAS-CHAVE: dêixis; transposição fictiva; pré-construído.

RESUMEN: Este artículo analiza el uso de marcadores deícticos en la crónica *A vaguidão específica*, de Millôr Fernandes, para comprender cómo funcionan estos mecanismos lingüísticos y la construcción de los diferentes sentidos presentes en el texto. Para verificar cómo la deixis contribuye al efecto de humor a partir de esta narrativa ficcional, se utilizan las contribuciones de Levinson (2006) sobre la deixis y de Fonseca ([1989] 1992, 1994) sobre la deixis y la transposición ficcional. La noción de preconstruido desde la perspectiva de la semántica enunciativa (Campos; Xavier, 1991; Correia; Pereira, 2015a; Culioli, 1990) resultó

¹ Doutora em Linguística (Semântica) pela Universidade NOVA de Lisboa. E-mail: claranc@fcs.unl.pt

² Doutoranda em Linguística (Linguística do Texto e do Discurso) pela Universidade NOVA de Lisboa. E-mail: bruna_bandeira@hotmail.com

ser unaherramienta conceptual importante para esta discusión. Mediante de una metodología cualitativa, se destacan marcadores deícticos y expresiones que, potencialmente, remiten a pre-construidos para investigar su funcionamiento y discutir los posibles significados que transmiten. Los resultados indican que el efecto del humor proviene del bloqueo de acceso impuesto al lector/oyente a las coordenadas referenciales compartidas por los personajes de la crónica, co-enunciadoras, que utilizan los mecanismos lingüísticos analizados para hacerse entender.

PALABRAS CLAVE: deixis; transposición ficticia; pre-construido.

ABSTRACT: This article analyzes the use of deictic markers in the chronicle *A vaguidão específica*, by Millôr Fernandes, in order to understand how these linguistic mechanisms work and how they contribute to the construction of different meanings present in the text. In order to verify how deixis contributes to the effect of humor constructed in this fictional narrative, Levinson's (2006) contributions on deixis and Fonseca's ([1989] 1992, 1994) on deixis and fictional transposition are employed. The notion of pre-constructed from the perspective of enunciative semantics (Campos; Xavier, 1991; Correia; Pereira, 2015a; Culioli, 1990) proved to be another important conceptual tool for this discussion. Through a qualitative methodology, deictic markers and expressions that potentially refer to pre-constructed ones are highlighted in order to investigate their functioning and discuss the possible meanings they convey. The results indicate that the humor effect comes from the blocking of access imposed on the reader/listener to the referential coordinates shared by the characters in the chronicle, co-enunciators who use the linguistic mechanisms under analysis to make themselves understood.

KEYWORDS: deixis; fictitious transposition; pre-constructed.

Para início de conversa...

A maneira como a linguagem faz referência às coisas do mundo é um intrigante tema debatido desde a Antiguidade, como atestam as conhecidas reflexões de Platão em *O Crátilo* (séc. V a.C.). Porém, foi principalmente no final do século XX que estudos sobre a referenciação linguística ganharam um impulso considerável, quando o fenômeno da dêixis, ou seja, expressões linguísticas que apontam para “fora” do texto no sentido restrito, chamou a atenção para a importância do contexto e o enunciado passou a ser o objeto de estudo preferido dos linguistas. Obviamente, da Antiguidade para a (pós-)Modernidade as reflexões filosóficas e linguísticas não evoluíram assim repentina nem bruscamente, mas, como o foco deste artigo é tentar compreender o funcionamento de marcadores dêiticos em uma narração fictiva, restringe-se aqui à narrativa dessa passagem nos quatro parágrafos seguintes a título de contextualização para início de conversa³.

³ Uma vez que o objetivo desse brevíssimo resgate histórico se deve tão somente à contextualização

Se filósofos antigos como Platão e Aristóteles procuravam conhecer a realidade material do mundo (*res extensa*) buscando explicações sobre a essência das coisas por meio da ontologia, esse paradigma é substituído, na Idade Moderna, pela epistemologia. A pensadores como Kepler, Copérnico e Galileu, por exemplo, interessavam a episteme, os pensamentos, as ideias (*res cogitans*). O empirismo e o racionalismo de outrora cediam espaço ao positivismo, que passou a aplicar as leis naturais às ciências Humanas. É nesse contexto que surge a Filosofia da Linguagem, a qual, ainda considerando a língua como código, coloca a linguagem no centro da reflexão filosófica e toma a proposição como unidade de análise numa perspectiva vericondicional. Além de Wittgenstein, (1921)⁴, o matemático e filósofo alemão Frege ([1892] 1967) assume um papel primordial nesse momento ao tentar transpor as leis da linguagem lógica à linguagem natural.

No entanto, com o tempo e o amadurecimento das reflexões filosóficas (Russell, 1905; Wittgenstein, 1953), percebe-se que a linguagem natural não pode ser pensada apenas por proposições; afinal, ela tem a função de não somente representar a realidade e designar as coisas do mundo, mas também de criar realidades. A proposição cede assim espaço ao enunciado; em outras palavras, sai de cena a linguagem ideal, formal e lógica, e sobe ao palco a linguagem cotidiana, a língua em uso dentro de seu contexto. A chamada *virada pragmática* põe em curso uma série de reflexões sobre a linguagem voltadas a analisá-la sob esse novo prisma, sendo a dêixis um dos fenômenos, talvez o propulsor, a levar a atenção dos estudiosos para a importância do contexto a fim de compreender a enunciação.

A ideia de que a relação entre significado e pensamento é transparente e direta tem sido uma luz orientadora em muitos ramos da investigação linguística, desde a Linguística Whorfiana até a Filosofia da Linguagem Ordinária. Mas, como Frege (1918: 24) apontou há mais de um século, a dêixis é um grande problema para essa presunção particular. Ele, mais do que qualquer um, era particularmente interessado em identificar sentido com pensamento, mas os demonstrativos e as expressões dêiticas geralmente

22 do fenômeno em estudo, espera-se que sejam escusadas as muitas lacunas que ele pode implicar.

⁴ Wittgenstein (1921, 1953) referem-se ao mesmo autor, no entanto, a numeração marca suas distintas fases de pensamento, uma vez que esse filósofo participa dos dois momentos relatados aqui brevemente: inicialmente estudando a linguagem formal, ainda quando aluno de Russel, e depois, de maneira mais autônoma, debruçando-se sobre a linguagem cotidiana e os enunciados.

se colocavam no seu caminho (Levinson, 2006, p. 99)⁵.

Na esteira desse novo paradigma, surgem, entre outras correntes linguísticas, as Teorias da Enunciação e as diversas vertentes da Análise do Discurso, que passam a observar mais detidamente a influência de fatores externos, principalmente políticos, ideológicos e sociais, na enunciação/no discurso. O conceito de *pré-construído* surge, assim, na busca pela compreensão de fenômenos sintáticos que levavam a outra situação de enunciação e é reelaborado posteriormente por diversas áreas da Linguística. De qualquer maneira, assim como a dêixis, tal conceito obriga linguistas a se debruçarem sobre o contexto para compreender as formas linguísticas em uso.

Levando em conta todo esse movimento dos estudos linguísticos, este artigo pretende contribuir para a compreensão do funcionamento da dêixis em uma narrativa de ficção. Para isso, foi selecionada a crônica *A vaguidão específica*, de Millôr Fernandes (Fernandes, [1974]), que simula um diálogo corriqueiro e banal entre duas personagens femininas. O texto em análise constrói seu humor baseado no processo de referência “vagoespecífica”, que, segundo o autor (ao reforçar a epígrafe na escolha do próprio título da crônica), é típica da maneira de falar das mulheres.

A escolha de um texto ficcional, ainda que com traços de verossimilhança⁶, deve-se ao impulso de tentar contribuir para a construção de uma “teoria enunciativa da ficção” (Fonseca, 1994)⁷. Dentro do espectro da referência, chama a atenção a capacidade que a ficção possui de criar coordenadas enunciativas, um fenômeno relativamente pouco estudado. Ademais, em consonância com Fonseca (1994, p. 101): “Tratar a problemática da ficção obriga a encarar de frente e sem evasivas o

⁵ “The idea that the relation between meaning and thought is transparent and direct has been a guiding light in many branches of linguistic inquiry, from Whorfian linguistics to Ordinary Language Philosophy. But as Frege (1918: 24) pointed out over a century ago, indexicals are a major problem for this particular presumption. He of all people was particularly keen to identify sense and thought, but demonstratives and deictic expressions more generally stood in the way” (Levinson, 2006, p. 99).

⁶ Discussões acerca do conceito *gênero textual* estão distantes dos objetivos deste artigo. Entretanto, cumpre ressaltar uma característica fundamental da crônica, que afinal é objeto de análise deste estudo: o hibridismo das esferas sociais onde circula (jornalística e literária), responsável justamente por seu caráter verossímil.

⁷ Tal impulso, no entanto, não deve ser entendido como ambicioso, pois se reconhece de antemão que este estudo não se pretende exaustivo nem recorre a arcabouço teórico suficiente para tanto.

problema da referência. A ficção constitui, aliás, o horizonte mais amplo em que pode colocar-se o problema da referência [...]”. Para a autora, essa referência linguística construída pela ficção não pode ser considerada como desviante ou marginal porque, desse modo, se parte de uma prévia concepção de referência. É neste sentido que este artigo busca dar seu contributo para uma teoria enunciativa da ficção, pois, ao sair do lugar-comum dos estudos sobre criação de referentes, busca investigar a maneira *sui generis* como a ficção cria formas de referenciação.

Em relação à escolha da dêixis, cumpre salientar que, de acordo com Levinson (2006), apesar da sua importância teórica, este é um dos fenômenos mais incompreendidos da Pragmática, seus limites ainda são parcialmente desconhecidos e não há uma tipologia adequada para as várias expressões dêiticas.

Já o conceito de *pré-construído* parece relevante por poder suportar a construção da significação presente no texto. Em outras palavras: a implicação enunciativa que desencadeia o humor na crônica a ser analisada não está só no que é dito, mas no que subjaz ao que é dito. Assim, analisar as estratégias linguísticas que caracterizam a marcação do pré-construído nos textos que produzimos e que reconhecemos num determinado sistema é um dos nossos objetivos.

Considerando tais justificativas, este estudo qualitativo procurou identificar os marcadores dêiticos presentes nas falas das personagens, dando igualmente relevo às marcas linguísticas que indicam os processos de pré-construídos partilhados entre elas. Concomitantemente, foi-se tentando entender de que maneira esses elementos contribuíram para a construção dos diferentes sentidos que a crônica manifesta, revelando, em última instância, o tom jocoso presente na narrativa em análise.

Para ancorar a conversa na fundamentação teórica: dêixis, transposição fictiva e pré-construído

A palavra *dêixis* vem do grego *deïksis*, que significa *apontar, indicar*. Nesse sentido, a compreensão dos dêiticos não é dada pelas condições semânticas

impostas por sua expressão, mas pelo que “apontam” ou “indicam”. Segundo Levinson (2006), a *indexicalidade* refere-se a fenômenos mais amplos de dependência contextual e a reflexão sobre ela está tradicionalmente associada à Filosofia; enquanto a *dêixis* é um termo preferencialmente usado para referir-se a aspectos relevantes da indexicalidade mais estritamente linguísticos, ou seja, associados à Linguística. Assim, a dêixis é o estudo das expressões indexicadas na língua.

Neste artigo, a análise dos marcadores dêiticos e de como eles contribuem para a construção de sentidos será feita com base na classificação proposta, entre outros linguistas, por Jungbluth e Vallentin (2015), qual seja: dêixis espacial, temporal, pessoal e discursiva, embora tal classificação não seja rígida, uma vez que incorre em algumas indeterminações e sobreposições, conforme será visto adiante.

Os elementos linguísticos usados para ligar o enunciado à situação em que este é produzido são os *marcadores dêiticos*, os quais traçam relações do enunciado com o enunciador, no local e no momento da enunciação. Essa origem da origem do enunciado, o “eu-aqui-agora”, é o que Bühler ([1934] 1982) chamou de *origo dêítico*:

Desde Bühler (1934), o campo dêítico foi organizado em torno de uma *origo* ou “marco zero”, que consiste no locutor no momento e no local da fala. Na verdade, muitos sistemas utilizam dois centros distintos – falante e destinatário. Além disso, como observou Bühler, muitas expressões dêíticas podem ser transpostas ou relativizadas para alguma outra *origo*, na maioria das vezes a pessoa do protagonista no tempo e lugar relevantes em uma narrativa (ver Fillmore 1997) (Levinson, 2006, p. 111)⁸.

Assim, muitas expressões dêíticas podem ser transpostas para outra *origo*, e isso ocorre não somente em enunciados provenientes de mundos alternativos, os “mundos possíveis”, mas também nos do mundo real. Por exemplo, no enunciado “Ele *veio* direto para ela e a atingiu *assim aqui* no braço” (Levinson, 2006, p. 111)⁹, o enunciador transpõe os dêiticos destacados em itálico (*veio*”, “*assim*” e “*aqui*”) para

⁸ “Since Bühler (1934), the deictic field has been organized around an *origo* or ‘ground zero’ consisting of the speaker at the time and place of speaking. Actually, many systems utilize two distinct centers – speaker and addressee. Further, as Bühler noted, many deictic expressions can be transposed or relativized to some other *origo*, most often the person of the protagonist at the relevant time and place in a narrative (see Fillmore 1997)” (Levinson, 2006, p. 111).

⁹ “He *came* right up to her and hit her like *this here* on the arm” (Levinson, 2006, p. 111).

uma terceira pessoa (“ele”). Tal fenômeno já havia sido percebido pelo próprio Bühler ([1934] 1982), quem chamou de *déixis am Phantasma*, ou *déixis imaginária*, a transposição que se dá quando o enunciador se imagina em outro lugar e muda a origo dêitica propondo ao coenunciador também se transpor ao reino do ausente recordável ou da fantasia construtiva. Sobre esse aspecto, interessa particularmente a este artigo a reflexão sobre a especificidade do enunciado ficcional, o ato de referência fictício e a transposição fictiva das coordenadas enunciativas¹⁰.

De acordo com Fonseca ([1989] 1992, 1994), a ficção tem se constituído um desafio para a descrição linguística. Alguns autores como Searle (1979) acreditavam que não havia marcas linguísticas sintáticas ou semânticas específicas que identificassem os enunciados ficcionais em oposição aos reais porque a competência ficcional é de natureza exclusivamente pragmática, isto é, depende das intenções (da força ilocucionária) do autor. Apesar de tecer algumas críticas acerca da reflexão searleana sobre a ficção, Fonseca (1994) reconhece como fundamental sua noção de *ato de referência fictício*. Se, para o filósofo norte-americano, uma das condições de sucesso dos atos de fala de referência (os “axiomas de referência”) é que a coisa referida pelo enunciador exista (o “axioma da existência”), implicitamente assumir a possibilidade do ato de referência fictício, que chegou a formular dez anos depois do *Speech Acts*, levá-lo-ia a fazer um redimensionamento desse axioma, pois esse ato seria suficiente para fazer pressupor, por si só, a existência do que é referido.

Por isso, conclui a autora, é o próprio ato de referência que faz os “mundos possíveis” existirem. Muito mais importante do que a referência a seres e objetos que não existem é o fato de a referência poder ser feita a partir de coordenadas enunciativas que não existem: “deslocar do objeto referido para o *acto de referência* a questão do caráter fictício é um passo decisivo em direção à possibilidade de abordar a ficção a partir do funcionamento da língua” (Fonseca, 1994, p. 92).

Como é sabido, o funcionamento dos marcadores dêiticos põe em evidência a obrigatória incorporação do real (dependência contextual) no enunciado, porém uma

¹⁰ Assim como Fonseca ([1989] 1992, 1994), este artigo usa o termo *fictivo* em oposição a *ficcional* para referir-se a todo tipo de possibilidade de projeção de coordenadas enunciativas, quer tal projeção se associe, quer não à invenção de situações irreais.

observação mais atenta revela a possibilidade da transposição fictiva das coordenadas enunciativas, o que viabiliza a construção de “mundos possíveis” (Fonseca, [1989] 1992, 1994). Trata-se do ato de mostraçã *in absentia* porque constitui um campo mostrativo imaginário feito à imagem e semelhança do campo mostrativo concreto da situação de enunciação. O discurso cria, assim, seu próprio contexto, e a dêixis *am Phantasma* (ou “dêixis fictiva” ou “narrativa”, como prefere Fonseca (1987, [1989] 1992) finge ser uma referência exógena em um processo mimético que caracteriza a própria ficção.

A maioria das expressões dêiticas exigem, para serem interpretadas corretamente, o conhecimento mútuo da situação pelos participantes do discurso. Por isso se diz que elas têm características atencionais, intencionais e subjetivas. De qualquer maneira, o fenômeno da dêixis em geral é complexo por natureza e compreendê-lo é estabelecer uma difícil relação entre semântica e cognição, isto é, “[...] entre, por um lado, o que as sentenças significam e o que queremos dizer quando as dizemos e, por outro lado, os pensamentos correspondentes que elas expressam”¹¹ (Levinson, 2006, p. 99). Assim, responder às perguntas “O que o enunciador quis dizer ao enunciar isso?” ou “O que ele tinha em mente quando o disse?” não é tarefa simples. É preciso recorrer aos sistemas simbólico e indexical e extrapolar o significado das sentenças, compreendendo-as como enunciados contextualizados.

Considerando, portanto, que as propriedades do contexto podem ser (e como são!) exploradas criativamente para fins de comunicação e que os enunciadores recorrem frequentemente a outros enunciados não provenientes da origo por contarem com a colaboração de seu(s) coenunciador(es) na compreensão do que enunciam, pode-se defender que, em última instância, os dêiticos, entre outras formas, podem ser também marcas de pré-construído. Mas o que é um *pré-construído*? De onde vem esse conceito e em que sentido será usado neste artigo?

O termo *pré-construído* é usado de diversas formas por estudos bastante

¹¹ “[...] between, on the one hand, what sentences mean and what we mean when we say them and, on the other hand, the corresponding thoughts they express” (Levinson, 2006, p. 99).

diversificados do campo da Linguística, o que o torna um conceito eminentemente plástico. De maneira abrangente, trata-se de um termo que designa fenômenos do discurso provenientes de uma exterioridade recuperada. No entanto, se ele é ou não marcado na língua e, em caso positivo, de que forma isso pode ocorrer, depende da perspectiva linguística em que é tomado.

Aqui, o conceito *pré-construído* é ancorado a uma proposta teórica bem definida, a Teoria Formal Enunciativa, e usado enquanto forma ou conjunto de formas que reenviam a significação construída em um enunciado para uma dada noção. Assim,

Numa situação de enunciação Sit_0 , um enunciador S_0 constrói uma significação, a que podem corresponder diversos valores modais. Se S_0 decide inteiramente validar (ou não validar) uma relação predicativa, o valor modal construído é de asserção estrita positiva (ou negativa). Pode acontecer, porém, que, na sua enunciação, isto é, em Sit_0 , o enunciador inclua um valor de asserção estrita construído numa outra situação de enunciação. Em Sit_0 , essa asserção constitui um pré-construído (Campos; Xavier, 1991, p. 349).

No entanto, para que a sequência linguística possa ser percebida pelos falantes que constroem (e reconstroem) a significação do enunciado, é preciso que haja possibilidade de se realizar esse reenvio da ocorrência à noção. Para Culioli (1990, 1995), uma *noção* é um feixe de propriedades físico-culturais partilhadas pelos falantes de uma dada comunidade. Uma vez que as noções têm um caráter intrinsecamente qualitativo, são as ocorrências dessas noções (isto é, os diferentes recursos linguísticos que uma determinada comunidade linguística tem para representar as noções) que permitem falarmos essa língua por um lado e, por outro, explicarmos, quando for o caso, o funcionamento da língua (específica) em análise.

Podendo revestir-se de propriedades mais lexicais ou mais gramaticais, as ocorrências das noções numa dada língua funcionam como marcas linguísticas dessas noções. Assim, por exemplo, o valor atribuído a formas linguísticas que codificam a dêixis, em português, apontariam para uma delimitação temporal, espacial e subjetiva de um dado estado de coisas construído. O eu, o aqui e o agora funcionariam como localizadores últimos de uma certa situação construída. Contudo, essa estabilidade pode ser anulada se a referência construída por um sujeito

enunciador não é transparente para o seu coenunciador. Por essa razão, e em sentido muito estrito, o valor de pré-construído é uma marca modal, fortemente marcada pelo ponto de vista do sujeito enunciador e interpretada pelo(s) coenunciador(es).

As estratégias gramaticais para se identificar e/ou reconhecer o valor de pré-construção podem ser encontradas, por exemplo, nos valores identificacionais atribuídos ao artigo definido — “traz o caderno para mim, por favor” —, nas construções interrogativas (parciais) — *Onde é que está o João?* —, nas construções com *já que* — “*Já que* vais ao cinema, aproveita para passar na casa da Maria”.

E, só para referir um último caso, é possível afirmar que a modalidade apreciativa pode, em certo sentido, definir-se como estando suportada em estruturas de pré-construído. Em exemplos como “É bom que venhas”, o pré-construído constitui uma asserção construída em uma situação de enunciação anterior que pode corresponder não a um enunciado particular, mas a uma classe não finita de enunciados verbalizados ou não. O mesmo fenômeno pode ser verificado em estruturas com *poder* com valor epistêmico e a conjunção consecutiva *que*: seguindo de perto Campos e Xavier (1991) e Correia e Pereira (2015a), em “Pode chover a cântaros, que eu vou sair”, a decisão do enunciador de sair ou de não sair independe do fato (possível ou provável) de haver chuva, conclusão a que se chega pelas formas que marcam o pré-construído (nesse caso, *poder* mais frase consecutiva). Nos dois enunciados, os pré-construídos remetem a um estado de coisas projetado como posterior ao momento da enunciação: “Em ambos os casos, o valor temporal das predicções envolvidas é de posterioridade em relação ao tempo da enunciação, o que, aliás, reforça o valor predominantemente modal do conceito de pré-construído” (Correia; Pereira, 2015a, p. 49).

Retomando à dêixis (no sentido *lato sensu*), caberá ao sujeito enunciador definir as diferentes relações de proximidade temporal, espacial e subjetiva que permitem a construção de um determinado enunciado. Considerando tais aspectos, a forma como o pré-construído funciona e a sua contribuição para a construção dos sentidos, espera-se, ficarão ainda mais claras a partir da análise a seguir.

O diálogo “vagoespecífico” em análise

A crônica *A vaguidão específica*, do conhecido intelectual e humorista Millôr Fernandes, foi publicada pela primeira vez em 1972, no livro de prosa *Trinta anos de mim mesmo*¹². A fim de facilitar o acompanhamento das análises a seguir, foram destacados com negrito alguns marcadores dêiticos e sublinhadas algumas expressões que potencialmente remetem a pré-construídos.

A VAGUIDÃO ESPECÍFICA

“As mulheres têm uma maneira de falar que eu chamo de vagoespecífica.”

Richard Gehman

- Maria, **ponha isso lá fora em qualquer parte**.
- Junto com as outras?
- Não **ponha** junto com as outras¹³, não. Se não **pode vir** alguém e querer fazer coisa com elas. **Ponha no lugar do outro dia**.
- Sim, **senhora**. Olha, o homem está aí.
- **Aquele de quando choveu**?
- Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo.
- Que é que **você disse** a ele?
- **Eu disse** pra ele continuar.
- Ele **já começou**?
- Acho que **já**. **Eu disse** que **podia principiar** por onde **quisesse**.
- É bom?
- Mais ou menos. O outro parece mais capaz.
- **Você trouxe** tudo pra cima?
- Não, senhora, só **trouxe as coisas**. O resto não **trouxe** porque a **senhora** recomendou para deixar **até a véspera**.
- Mas **traga, traga**. Na ocasião nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atavanca a entrada e ele reclama como **na outra noite**.
- Está bem, vou ver como.

A escolha do título e da epígrafe da crônica (linhas 1 a 3) aponta de saída para um posicionamento do autor acerca do tema: a maneira de falar das mulheres. Ao adjetivá-la com o neologismo “vagoespecífica”, o narrador considera que as mulheres se comunicam de uma forma “vaga”, portanto, usando referentes “incertos”

¹² Fernandes ([1974]).

¹³ De acordo com Levinson (2006), a anáfora está tão intrinsecamente relacionada com a dêixis que nem sempre são possíveis de serem separadas. Apesar disso, considera-se, nesta análise, que “outras” (linha 7) e “elas” (linha 8) configuram-se como anáfora, uma vez que retomam a expressão “outras” já referida na linha 6.

ou “não esclarecidos” e, ao mesmo tempo, “específica”, o que parece apontar para o fato de que só elas conseguem se entender.

Um diálogo é estabelecido entre as personagens Maria e outra mulher tratada por ela como “senhora”. Podemos, assim, identificar a origo de onde emanam as coordenadas enunciativas fictivas: o “eu” alterna entre essas duas mulheres nos seus respectivos turnos de fala, o “aqui” aponta para o lugar da enunciação onde ambas se encontram e o “agora” representa o tempo da enunciação, ou seja, o momento em que elas conversam. Sobre a alternância entre as enunciantoras, Levinson (2006) explica que a categoria gramatical de pessoa reflete os diferentes papéis desempenhados num evento de fala (as pessoas do discurso) e que, quando esses papéis mudam nas trocas dos turnos de fala, a origo também muda.

O marcador dêítico “eu” aparece explicitamente nas linhas 13 e 15, indicando a pessoa que fala, Maria. Já na fala da outra enunciantora, a senhora, aparece explicitamente o pronome de primeira pessoa do plural, “nós”. Em “Na ocasião nós descemos tudo de novo” (linha 21), o marcador dêítico de pessoa “nós” aparentemente inclui a pessoa que fala, a senhora, e a pessoa com quem fala, Maria. No entanto, parece tratar-se de um caso de polidez, pois, como se pode concluir, quem executa o trabalho braçal sempre é a coenunciantora, a que recebe as ordens.

Os pronomes de tratamento “senhora” (linhas 9, 11 e 20) e “você” (linhas 12 e 18) operam simultaneamente como dêixis de pessoa (apontando para quem o enunciado é dirigido) e dêixis social, uma vez que, no contexto brasileiro, marcam posições sociais hierárquicas distintas, em que a destinatária do primeiro está nitidamente em uma posição superior em relação à do segundo.

Os verbos no modo imperativo também indicam dêixis social por marcarem uma ordem da enunciantora, que possui *status* para tal. Observa-se que apenas a senhora usa esse modo verbal. Se não houvesse uma diferença hierárquica social entre ela e a coenunciantora, seria de se esperar que usasse modalizações como “por favor, você poderia pôr”, marcando polidez. Conforme apontado anteriormente, existe uma qualidade subjetiva inerente ao uso dos dêiticos, daí a ocorrência de uma sobreposição entre os aspectos subjetivos da modalidade e os aspectos objetivos do

tempo gramatical (Levinson, 2006). Além disso, esses verbos no imperativo operam dêixis de pessoa: “ponha” (linhas 5, 7 e 8) e “traga” (linha 21) indicam que a enunciadora dá uma ordem a ser executada pela segunda pessoa, a qual deve “pôr isso lá fora” e “trazer as coisas pra cima”.

Sobre a relação da dêixis com o aspecto verbal, Levinson (2006, p. 114) comenta: “As categorias gramaticais chamadas tempos [*tense*] geralmente codificam uma mistura de distinções de tempo dêitico e de aspecto, que muitas vezes são difíceis de distinguir”¹⁴. Longe de tentar superar essa dificuldade de diferenciar, no que tange ao tempo gramatical (*tense*), o que se refere ao tempo dêitico e o que se refere ao aspecto verbal, este artigo foca obviamente no primeiro, mas não se furta a fazer reflexões pontuais acerca do segundo especificamente para ajudar na compreensão do fenômeno da dêixis.

Feita tal observação, cumpre salientar que, no geral, os verbos, quando conjugados, costumam operar dêixis de pessoa (indicando os papéis de enunciador, coenunciador e o outro, o assunto do discurso) e tempo (indicando a extensão do estado ou acontecimento em relação ao tempo da enunciação), mas eventualmente podem operar como dêixis social, tal qual demonstrado acima, ou até de lugar. Na crônica, além de outras dêixis espaciais mais facilmente identificadas, como “lá fora em qualquer parte” (linha 5), “aí” (linha 9) — um lugar próximo das enunciadoras — ou “lá” (linha 11) — um sítio qualquer distante delas —, esse fenômeno ocorre em alguns verbos que também contribuem para criar coordenadas enunciativas e dar pistas espaciais para o leitor acompanhar o movimento das personagens.

O uso que a senhora faz de “pode vir” (linha 7), por exemplo, opera, além de dêixis pessoal (de terceira pessoa) e temporal (de futuro suposto¹⁵, apontando um acontecimento que pode ocorrer em um tempo posterior ao da enunciação), uma dêixis de lugar, pois indica um possível movimento de uma terceira pessoa rumo à localização da enunciadora no momento da enunciação. Igualmente, os verbos “ir” (linha 11) e “trazer” (linha 19), além das dêixis de pessoa e tempo, operam uma dêixis espacial: no primeiro caso indicando afastamento da enunciadora, a senhora,

¹⁴ “The grammatical categories called tenses usually encode a mixture of deictic time distinctions and aspectual distinctions, which are often hard to distinguish” (Levinson, 2006, p. 114).

¹⁵ Sobre a heterogeneidade do tempo presente, conferir (Correia, 2012).

do local da enunciação, em um tempo passado, em direção ao referente “ele”; e, no segundo caso, ao contrário, uma aproximação da enunciativa Maria rumo ao local da enunciação, ou melhor, um deslocamento dela num tempo passado para o lugar onde agora ela e a senhora estão localizadas a fim de trazer “as coisas”.

Com relação à dêixis temporal, observa-se que há uma prevalência do tempo presente, indicando que as enunciativas predicam sobre acontecimentos ou estado de coisas cuja extensão inclui o momento da enunciação (Correia, 2012). As exceções ocorrem das linhas 10 a 15 e 18 a 20, quando as personagens transpõem as coordenadas enunciativas para um tempo passado, e no final da crônica, das linhas 21 a 24, quando projetam essas coordenadas para um futuro suposto (linhas 21 a 23) — como indica o uso de “na ocasião” (linha 21) — e para um tempo qualquer posterior ao da enunciação, quando Maria conclui com “vou ver” (linha 24). Interessante observar que o uso do marcador dêitico “na outra noite” (linhas 22-23) remete a um tempo passado relativo não ao futuro suposto do enunciado em que aparece, mas ao próprio tempo da enunciação. Ao enunciar “Na ocasião nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite” (linhas 21 a 23), a senhora supõe um futuro quando “descerão tudo de novo”; justifica-se dizendo que, se não fizerem isso, podem atravancar a entrada; e remete a um fato passado “na outra noite”, quando “ele” reclamou.

Nas linhas 10 a 15, as personagens fazem uma digressão para colocar em pauta um assunto cujo foco parece ser algum serviço realizado por um homem cuja identidade é dada por pré-construído. Além dos verbos conjugados no pretérito perfeito — “choveu” (linha 10), “foi” (linha 11), “falou” (linha 11), “disse” (linhas 12, 13 e 15), “começou” (linha 14) —, aparecem outros marcadores dêiticos temporais que ancoram as predicções em um tempo anterior ao momento em que conversam: “no domingo” (linha 11), que indica o domingo anterior ao dia da semana da origo; e “já” (linhas 14 e 15), que indica um tempo indefinido anterior ao momento da enunciação. As formas verbais “podia principiar” e “quisesse” (linha 15) indicam um tempo relativo anterior ao passado trazido pela enunciação, ou seja, a enunciativa Maria transpõe as coordenadas enunciativas para um momento ainda mais atrás em relação ao qual estavam falando para relatar o que havia dito ao homem.

Até aqui foram feitas observações mais gerais sobre o funcionamento da dêixis pessoal, social, espacial e temporal e as significações que contribuem para construir a crônica. Essa classificação se dá muito mais no âmbito de apreensão do fenômeno do que no seu funcionamento de fato, uma vez que um mesmo marcador dêitico pode funcionar para apontar pessoa, tempo, lugar e/ou *status* social simultaneamente.

Para compreender os sentidos construídos por esse mecanismo linguístico, é imprescindível recorrer aos pré-construídos, que também estão imbricados com os diversos tipos de dêixis. Segundo Correia e Pereira (2015b), quando o objetivo da análise se centra em uma perspectiva semântica, é importante ter em conta que, e tal como as autoras afirmam, a boa formação sintático-semântica de uma dada sequência resulta do agenciamento das formas presentes nessa sequência. Esse agenciamento é regulado por princípios que “organizam” o funcionamento das línguas. Na perspectiva em que este estudo se situa (Culioli, 1990, 1995), são os parâmetros da enunciação (tempo-espaco/sujeito) — Sit_0 — que permitem analisar as sequências linguísticas produzidas e reconhecidas pelos falantes de uma dada língua.

Seguindo esse princípio muito geral, pode-se defender que o conceito de pré-construído acima referido organiza-se de acordo com três vertentes: (a) localização dos enunciados produzidos, que é feita em relação ao sistema referencial (Sit_0); (b) a inter-relação entre os planos da enunciação em que o sujeito da enunciação assume (valida) as diferentes situações construídas e o (Sit_0)', sistema referencial em que cabe ao coenunciador ancorar as diferentes situações reconstruídas, sendo que, em situações de interação esperadas, esses dois planos sobrepõem-se; e (c) as formas linguísticas marcadoras do pré-construído, as quais têm por função permitir que as diferentes operações implicadas na construção do enunciado tenham uma natureza qualitativa, isto é, a informação não é construída na enunciação, mas numa enunciação subjacente, não realizada linguisticamente.

Tais linhas gerais suportam, em termos muito alargados, a análise que está na base deste trabalho. Assim, as formas de determinantes definidos, as marcas de dêixis (espacial e temporal) e as formas verbais analisadas a seguir vão ao encontro

dos textos teóricos que têm sido referidos ao longo deste estudo.

Ao centrar nessa perspectiva mais analítica dos pré-construídos, verifica-se logo na primeira fala da senhora que aparece uma referência a “isso” (linha 5), cuja identidade do referente só pode ser dada pelas participantes da enunciação. Levinson (2006) dedica um amplo estudo aos demonstrativos e propõe uma classificação segundo a qual o pronome “isso” funcionaria como dêitico exofórico, uma vez que aponta para algum objeto disponível no contexto físico. Dessa forma, apesar da aparente falta de clareza da expressão, para as participantes do diálogo não há dúvida se tratar de um e apenas um referente cujo conhecimento é compartilhado. Ao questionar “Junto com as outras?” (linha 6), a enunciadora Maria remete a uma asserção pré-construída: “há outras [coisas] lá fora em qualquer lugar”.

Mecanismo similar ocorre em “Olha, o homem está aí” (linha 9), em que o referente de “o homem” termina ficando claro para as personagens. A construção dessa referência nominal, no entanto, não é resolvida na origo, como na expressão “isso” analisada acima, mas por meio de pré-construídos. Na dúvida de qual homem Maria se refere, a senhora pergunta: “Aquele de quando choveu?” (linha 10), ao que sua interlocutora responde negativamente esclarecendo o referente: “Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo” (linha 11). Há nesse caso duas construções relativas, que podem ser reformuladas da seguinte forma: (1) Aquele homem (que veio aqui) quando choveu (não) está aí; e (2) O homem para o qual a senhora se dirigiu (foi lá) e com o qual falou no domingo está aí. Nos dois casos, a oração relativa contribui para localizar referencialmente o termo “o homem”. Em (1), a coenunciadora Maria tem o conhecimento prévio de que estiveram lá vários (ou pelo menos dois) homens, sendo que a enunciadora senhora se refere a um deles (X), o que esteve lá quando choveu. Nesse enunciado, a relação predicativa <vir aqui quando choveu> introduzida pela relativa e validada em outra situação de enunciação constitui um pré-construído. Em (2), a enunciadora Maria visa a esclarecer o referente e, por isso, lança mão do determinante com predicções mais específicas, eliminando a possibilidade de X e introduzindo o referente Y correto. Tem-se, assim, as asserções pré-construídas “quando choveu, esteve um homem X

aqui” e “a senhora foi lá e falou com um homem Y (não X) no domingo e agora esse homem Y está aí”. Sobre pré-construídos em expressões com determinante definido, Correia e Pereira (2015a, p. 53) esclarecem que todas as expressões desse tipo “retomam, em sentido lato, informação previamente construída – argumento forte para que se possa defender que as expressões definidas são elas próprias marcadoras de pré-construído [...]”.

Os pré-construídos contribuem, assim, para identificar um referente que já pertence ao universo de referência das enunciadoras. É o que ocorre também em “no lugar do outro dia” (linha 8), “o outro” (linha 17)¹⁶, “as coisas” (linha 19), “o resto” (linha 19), “na ocasião”, “na outra noite” (linhas 22-23), por exemplo, em que a senhora e Maria sabem muito bem a que lugar, homem, objetos, ocasião e noite específicos estão se referindo.

No entanto, toda a crônica gera uma aparente não adequação ao que anteriormente foi dito, uma vez que o coenunciador do autor (o leitor/ouvinte) não é capaz de validar as diferentes situações construídas. Isto é: para o leitor/ouvinte não há qualquer possibilidade de localizar em termos estritos as diferentes situações construídas a partir do diálogo estabelecido entre a senhora e Maria. Em termos estritamente linguísticos — e é essa a perspectiva que reiteradamente vale aqui sublinhar —, o que se passa é que estamos diante de uma certa forma de “polifonia” comunicacional, usando aqui de forma geral o conceito de *polifonia* de Ducrot (1980), retomada, entre outros, por Anscombre (2009).

Assim, para as personagens Maria e a senhora, a validação das sequências construídas encontra uma ancoragem num dado sistema referencial, permitindo que todas as sequências sejam interpretadas pelas duas, mesmo quando se assentam em processos de construção de formas que retomam informação dada, e não em informação nova. No entanto, quando o novo coenunciador — o leitor/ouvinte — integra essa cadeia, falha-lhe toda a informação nova, sendo-lhe permitido acesso apenas à informação dada pelas duas interlocutoras. É esse corte referencial que gera uma não percepção da situação construída.

Se voltarmos à proposta central onde se assenta esse conceito, verificamos

¹⁶ Que também pode funcionar como anáfora de “aquele de quando choveu”.

que as formas disponíveis funcionam — ou podem funcionar — como marcas de pré-construído. No entanto, ao gerar-se uma barreira referencial entre os diferentes participantes que intervêm na interação comunicacional, impede-se, de forma clara, o acesso à informação subjacente ao que é construído.

Antes de terminar esta análise, é interessante observar como os limites também entre marcadores dêiticos e pré-construídos não estão bem definidos, participando ambos os fenômenos conjuntamente para a construção das significações. Emblemático, nesse sentido, é o uso de “aquele” (linha 10), que tanto pode ser interpretado como determinante de um pré-construído, conforme verificado acima, quanto como marcador dêitico espacial (e temporal), uma vez que indica, em contraposição a um “esse” (oculto) “aí” (presente na linha 9) próximo às participantes do discurso na origo, um “aquele” (“lá”) distante delas tanto espacial quanto temporalmente.

Por fim, tanto as dêixis como os pré-construídos, independentemente das classificações, contribuem para esclarecer os sentidos produzidos no diálogo ao localizar espacial, temporal, pessoal e socialmente os elementos envolvidos na enunciação, além de identificar alguns referentes.

Algumas conclusões: tema para outras conversas

Após uma primeira leitura da crônica, percebe-se que o autor pretende dar um tom humorístico ao seu texto pelo reconhecimento de que as mulheres têm uma forma “vagoespecífica” de se comunicar. No entanto, uma análise da dêixis, da transposição fictiva e, complementarmente, dos pré-construídos usados no diálogo fictivo, em que se baseia para defender seu argumento, leva à conclusão de que, se as mulheres “não constroem” sentido, é porque estes não estão no dito, e sim no “não dito”. Nesse caso, pode sustentar-se que elas estão além do óbvio, dispensando-se o trabalho de dizer tudo e contando com a esperteza e colaboração das suas coenunciadoras.

Não se pretende com isso destruir o humor da crônica, apenas evidenciar, como a análise tentou fazer, a forma como os marcadores dêiticos, a transposição

fictiva e os pré-construídos funcionam, de modo a propor outra visão sobre a “vaguidão mais do que específica” das mulheres. Conforme se procurou mostrar ao longo deste estudo, esses mecanismos linguísticos, para serem corretamente interpretados, contam com a atenção dos participantes do discurso voltada simultaneamente para o entorno e as intenções referenciais dos seus coenunciadores.

Na inter-relação discursiva observada na crônica, a relação entre as interlocutoras funciona plenamente porque ambas possuem os dados que lhes permitem localizar, em relação à situação de enunciação (Sit_0), qualquer das ocorrências construídas. Isto é, os valores atribuídos a “o outro/os outros”, “aqui”, “ali”, “no domingo” parecem ser entidades, todas elas, referencialmente identificadas pelas duas personagens. O que perturba — ou o que supostamente faz rir — é o bloqueio que é imposto ao leitor/ouvinte sobre as coordenadas referenciais que não lhe são dadas pelas mulheres que dialogam. O leitor/ouvinte assume-se assim como extrínseco/estranho ao que se narra.

Linguisticamente, o que interessou a este artigo foi ver como as formas e construções que permitem aos leitores localizar os referentes explícitos ou implícitos no texto (sendo a dêixis um caso de estudo exemplar) só são interpretadas se e quando o sujeito enunciador assim o desejar. A volatilidade dos valores que se pode atribuir às marcas linguísticas só pode ser fixada se estes assentarem-se em um caminho seguro de análise.

Assim, em outras palavras, caberá ao enunciador definir as estratégias que permitirão aos diferentes coenunciadores identificarem a totalidade dos valores referenciais construídos numa dada situação de enunciação. Naturalmente, ao reconstruir a informação recebida, o coenunciador que não intervém diretamente na enunciação primeira, ou seja, o leitor/ouvinte, atribui valores diferentes às sequências linguísticas construídas. As interpretações desviantes e os mal-entendidos têm por base justamente essa “descolagem” entre o que se diz e o que se entende (interpreta).

A escolha por debruçar-se sobre um texto fictivo, que possui a especificidade da criação e transposição das coordenadas enunciativas, foi uma maneira de dar um

contributo tanto no sentido da aproximação dos fenômenos linguísticos em análise quanto no da compreensão da própria natureza da ficção, logo,

A possibilidade de transposição das coordenadas enunciativas é uma condição necessária mas não suficiente para explicar cabalmente a ficção. Mas se a análise do funcionamento da deixis não esgota nem resolve os complexos problemas postos pela ficção, nomeadamente pela ficção literária, constitui, pelo menos, uma sugestiva via de acesso a eles (Fonseca, 1994, p. 100).

Sobre esse aspecto, compreende-se que a crônica em análise, como texto fictivo que é, cria suas próprias coordenadas enunciativas, mas também, dentro dela, as personagens o fazem, transpondo-as de acordo com suas conveniências. Aos leitores/ouvintes, resta acompanhar essas transposições se pretendem compreender bem os sentidos que vão sendo construídos. Além disso, precisam ter em mente que muito do que se diz, afinal, não precisa ser necessariamente verbalizado porque pode já estar lá, já ser conhecido, já estar disponível no momento da enunciação. É neste “saber” partilhado que também nos entendemos.

Referências

ANSCOMBRE, J. C. La comédie de la polyphonie et ses personnages. *Lingue Française*, Malakoff, n. 164, p. 11-31, 2009.

BÜHLER, K. The deictic field of language and deictic words. In: JARVELLA, R. J.; KLEIN, W. (ed.). *Speech, place and action*. New York: Wiley, [1934] 1982. p. 9-30.

CAMPOS, M. H. C.; XAVIER, M. F. *Sintaxe e semântica do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CORREIA, C. N. Os tempos gramaticais em português europeu: as formas verbais e os valores de tempo, aspecto e modo(s). *Verba Hispanica*, Eslovênia, v. 20, n. 1, p. 245-257, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4312/vh.20.1>

CORREIA, C. N.; PEREIRA, S. P. Formas e construções linguísticas no português europeu: ferramentas referenciais e género textual. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 16, n. 1, p. 48-60, 2015a. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v16i1.7531>

CORREIA, C. N.; PEREIRA, S. P. Sobre a construção do espaço e do tempo: as formas cá e lá em português europeu. In: MADEIRA, A.; FIÉIS, A.; LOBO, M. (ed.). *O universal e o particular: uma vida a comparar*. Lisboa: Edições Colibri, 2015b. p.

103-115.

CULIOLI, A. *Cognition and representation in linguistic theory*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation. T.I: Opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990.

DUCROT, O. Analyse de textes et linguistique de l'énonciation. *In: DUCROT, O. et al. Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980. p. 7-56.

FERNANDES, M. A vaguidão específica. *In: FERNANDES, M. Trinta anos de mim mesmo*. São Paulo: Círculo do Livro, [1974]. p. 77.

FONSECA, F. I. Deixis, dependência contextual e transposição fictiva: contributos para uma teoria enunciativa da ficção. *In: FONSECA, F. I. Gramática e pragmática: estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino do português*. Porto: Porto Editora, 1994. p. 87-103.

FONSECA, F. I. *Deixis, tempo e narração*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, [1989] 1992.

FONSECA, F. I. Referência, “translação de referência” e excesso referencial: uma leitura do “excesso” em dois textos de Oscar Lopes. *Línguas e Literaturas*, Porto, v. 4, p. 137-149, 1987. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2554.pdf>. Acesso em: 17 maio 2023.

FREGE, G. The thought: a logical enquiry. *In: STRAWSON, P. F. (ed.). Philosophical logic*. Oxford: Oxford University Press, 1967. p. 17-38.

JUNGBLUTH, K.; VALLENTIN, R. Brazilian portuguese. *In: JUNGBLUTH, K.; DA MILANO, F. (org.). Manual of deixis in romance languages*. Berlim: De Gruyter, 2015. v. 6, p. 315-331.

LEVINSON, S. Deixis. *In: HORN, L.; WARD, G. (ed.). The handbook of pragmatics*. Malden: Wiley Blackwell, 2006. p. 97-121.

RUSSELL, B. *On denoting*. Oxford: Oxford University Press, 1905.

SEARLE, J. *The logical status of fictional discourse*. *New Literary History*, Baltimore, v. 6, n. 2, p. 319-332, 1979. DOI: <https://doi.org/10.2307/468422>

WITTGEINSTEIN, L. *Philosophische Untersuchungen*. Berlim: Suhrkamp Verlag, 1953.

WITTGEINSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 1921.

CORREIA, C. N.; BANDEIRA, B.

Uma análise dos marcadores dêiticos na construção de sentidos da crônica A vaguidão específica

Recebido em: 17 maio 2023.

Aprovado em: 28 jul. 2023.

Revisoras de língua portuguesa: Sílvia Almeida e Juliana de Barros Souto

Revisor de língua inglesa: Pedro Americo Rodrigues Santana

Revisor de língua espanhola: Juliana Moratto

